

“História natural” de Plínio o Velho

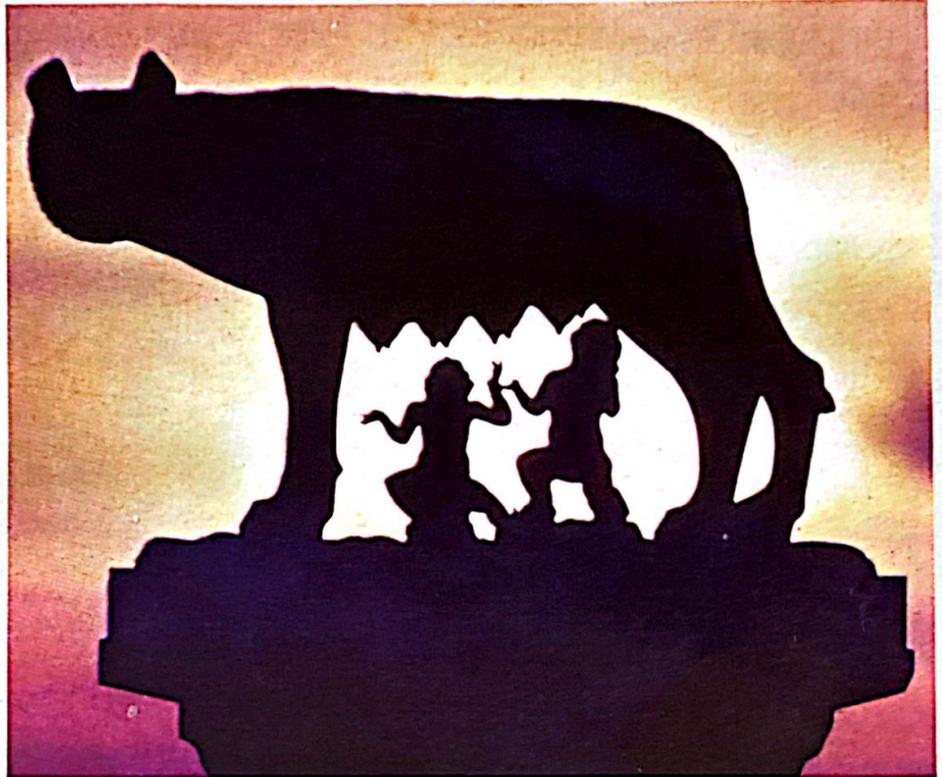
Duílio Crispim Farina

Plínio (O Velho) viveu de 23 ou 24 a 79 d.C. A carreira de Caio Plínio Segundo teve episódios notáveis: o célebre banquete de Calígula, a construção do porto de Óstia por Cláudio, a drenagem do lago Fucina. Passou um largo período na Germânia, durante o reinado de Nero, e comandou a frota do Miseno. Morreu durante a erupção do Vesúvio em 79 d.C., conforme o relato de seu sobrinho e filho adotivo Plínio, o jovem.

Plínio, de maneira símile a Varrão, conseguiu achar tempo, nos intervalos de sua ativa carreira pública, para escrever, em escala prodigiosa, numerosa e importante obra.

Obras sobre tática de cavalaria, a biografia de seu amigo Pomponio Segundo, a história das guerras contra a Germânia em vinte volumes, tomos relativos à gramática, retórica e história contemporânea, a partir de onde Aufídio Basso parou, obra deste do começo do século I d.C., hoje perdida. Esta história em trinta e um volumes, provavelmente analisados por Tácito também perdeu-se para sempre. Permaneceu, contudo, até nossos dias a História Natural, em 37 volumes, dedicados a Tito, em 77 d.C., e completados, por essa época. Plínio alega ter lido 2.000 obras de cem autores, e delas destacou vinte mil fatos, o que é uma estimativa modesta. Nos catálogos do livro I, ele enumera mais de quatro mil autores, e o total de fatos contados livro por livro chega a 35 mil. Plínio não escreveu em verdade uma enciclopédia a maneira das Disciplinas de Varrão, pois sua temática é o mundo natural.

Seu sobrinho refere que Plínio o velho passava noites em claro ou tardes ensolaradas após o lanche, cercado por escravos que tomavam notas. Du-



A Loba Romana, amamentando Rômulo e Remo

rante o início da erupção do Vesúvio, atento observado, anotou o fenômeno destruidor de Stabiá, Herculano e Pompéia. Chefe da esquadra sediada junto à Torre del Greco, como médico destemido e altruísta, dirigiu-se a socorrer os atingidos pelos vapores tóxicos e também sucumbiu asfixiado pelas emanções. Plínio reuniu uma quantidade imensa de valiosíssimos escritos científicos da Antigüidade.

Plínio o jovem, sobrinho do grande polímata, versado em grande saber, também foi homem de letra, cônsul em 100 d.C., vivendo no período 61 a 112 d.C. Teve positiva carreira senatorial e a prática das leis. Governador da Bitínia, província que lhe fora doada por Trajano, nela morreu. Notável orador deixou 247 cartas datadas

entre 96 e 108 d.C., um livro de correspondência com Trajano, aliás, cartas que dizem muito de fatos históricos, atividades da corte, natureza, literatura, etc. Duas de suas cartas sobre seu tio, ou sua carta a Valério Máximo sobre como governar a Grécia revelam um escritor de força e um homem sensível. A historiadora Diana Bowder estudou sua vida e analisou sua obra de forma pertinente.

Num esforço digno de encômios a Editora Einaudi deu ao prelo a monumental História Natural de Plínio o Velho. Compreende ela 6 tomos gigantes englobando: Cosmologia e Geografia (6 livros), Antropologia e Zoologia (livros 7 a 11), Botânica (livros 12-19 e 20-27), Medicina e Farmacologia (livros 28-32) e Mineralogia e História da Arte (livros 33-37).

O prefácio — apresentação, verdadeiro ensaio é de autoria do insigne escritor Ítalo Calvino por ele intitulado "O Céu, o Homem e o Elefante", análise do saber dos antigos.

Calvino pôde distinguir um Plínio poeta e filósofo, com um particular senso do universo, pathos do conhecimento e do mistério de um Plínio neurótico colecionista de dados, compilador em excesso, preocupado tão somente em não eliminar nenhuma anotação de seu mastodôntico repositório de informes. Ao utilizar fontes escritas era onívoro e eclético, mas não acrítico.

Tendendo ao perfeccionismo, para o tempo, não eliminava dados discordantes

de origens diferentes no intuito de não menosprezar dados para as conclusões possíveis. O desejo de Plínio seria transmitir uma idéia impessoal do saber, conhecimento, possíveis conclusões emanadas fielmente das fontes originais. Na página sobre a Lua encontra-se exemplo de seu senso da natureza,

Todas as explicações certas estão escondidas na majestade da natureza! Mas quando encontram-se as respostas aos fatos nem por isso deixam de ser maravilhosos!

uma acentuada e comovida gratidão por esse "astro familiar a quantos vivem na terra, remédio para as trevas" (novíssimum sidus, terris familiarissimum et in tenebrarum remedium...).

Ítalo Calvino soube apreender as máximas qualidades do homem de ciência. Um Plínio capaz de expressar com nítida evidência o mais complexo raciocínio pleno de harmonia e beleza.

Assim expressou-se o cientista: "o mundo é eterno e incriado, cuja volta esférica e rotante cobre todas as coisas terrenas", mas completa Calvino, "o mundo dificilmente pode distinguir-se de Deus, que para Plínio é a escultura estática, a qual pertence o velho Romano, é um Deus único, não identificável, nem com os personagens do Olimpo, mas talvez com o sol, alma ou mente ou es-

prito do céu. Depois de ter tirado de Deus as suas características antropomórficas, atribuídas pela mitologia aos imortais do Olimpo, Plínio com tons lírico-filosóficos exprime em sua obra uma visão de harmonia universal, e mais de uma vez, dedica-se a narrar os "prodígios celestes". A natureza é eterna e sagrada, harmoniosa, mas haveria também larga margem para verificar a existência de fenômenos prodigiosos inexplicáveis.

Uma "explicação para o inexplicável" está contida ao asseverar "mas de qualquer forma o explicar deve existir, ainda que seja desconhecido até agora! Todas as explicações certas estão escondidas na majestade da natureza! Mas quando encontram-se as respostas aos fatos nem por isso deixam de ser maravilhosos!

Seis volumes primorosos, edição principesca de 1982 com dezenas de gravuras, reproduções de afrescos pouco conhecidos, retrato de toda uma vida dos homens da antigüidade.

Nos dias das navegações e descobrimentos dos lusos, nessa época os marinheiros inquietavam-se com os possíveis encontros de ciclopes, antípodas com faces de cachorros, um olho na testa de odores e hálitos mortíferos, orelhas de elefantes, peles doutros paquidermes. Simbolismos camoneanos, gigante Adamastor, a corte de Netuno, o grifo, o unicórnio.

A História Natural, de Plínio, demonstra que o pensar medievo incorpora resquícios de suposições e afirmações da era romana pliniana, erudição e fantasia, peixes com pedriscos na testa, peixes influenciados pelos astros em suas contraposições, plantas a nascerem de uma lágrima, plantas cujo sêmen tingido determina flores coloridas, e ainda a descrição — encantamento da flora conhecida nos tempos da guerra de Tróia. O natural, o verídico, e o imaginoso. As suas viagens e a de seus subordinados nas trirremes da esquadra Imperial de Roma permitiam a observação, o conhecimento vindo das regiões distantes em torno do Mare Nostrium, desde a Armênia, a terra dos

Partos, o Ponto, a Hélade, o Egito, Alexandria, Rhodes, a Palestina e também a Gália, Ibéria e a Britânia. Informes coletados em livros (37), legado único para os pósteros. Milhares de páginas a possibilitar o descortino do passado longínquo, contato com o que já se perdeu com os centênios.

Significativo é seu Elogio da natureza, pois para Plínio "ela não produz nada de inútil".

É preciso realçar que essa obra nos é apresentada em latim com a competente tradução a cargo de um dos maiores latinistas Alessandro Barchiesi, complementado por Giuliano Ranucci.

No primeiro vintênio do terceiro século Giovanne de Matociis realiza, em Verona, um estudo capaz de diferenciar a identidade dos dois Plínios, o Velho e o Jovem. Existe um manuscrito da Naturalis História conservando anotações de Petrarca e Boccaccio. Os primeiros humanistas apontavam não somente o saber naturalístico da obra, mas sua vasta documentação antiquária e lingüística. A primeira edição aparece em Veneza em 1469 e 15 edições se sucedem antes de 1500. Novas edições possuem o crivo de Felipe Beroaldo e Ermolao Bárbaro, autor de Castigationes Plinianaes.

Na metade do XII Século, Roberto Criclhade escreve Defloratio Historiae naturalis Plinii Secundi, (os 37 livros da edição latina reduzidos a 9). Aparecem então escritores latinos com o fito de transmitirem a sabedoria antiga, tais como Macróbio, Marciano Capella, Isidoro de Sevilha, popularíssimos na Idade Média, frutos de fontes também perqueridas por Plínio.

Cópias dos manuscritos plinianos passaram pela Irlanda (com estudos de Beda), disseminados também a partir do século IX e encontrados em Corbie, Lorsch, Reichenan, Bobbio e Monte Cassino. No século 12 a difusão permite cópias de manuscritos na França (8), Germânia (8) e nas bibliotecas de Tourse Saint-Albans.

São Bernardo prescruou os livros de Plínio e em seus escritos repetiu pensamentos plinianos sobre "as correntes espirituais a irrigarem os cam-

pos do coração humano" (in segundo livro da História Natural).

As influências se multiplicam. Tomás de Cantimpre, convertido dominicano, em 1232, no livro de sua autoria *De Naturis Rerum*, já afirma no prefácio ser devedor dos informes de Aristóteles, Plínio e Solino. João de Salisbury e Honório em seu *De imagine mundi* (XII século) tem-no como fonte importante. Este último entende o mundo como *speculum* da criação divina, e tentou conciliar a obra da criação que se desenvolve no tempo finito da história humana com aquele eterno de Deus.

Na própria igreja da Sainte-Madeleine de Vézelay, no século doze, nas prédicas, há bênçãos e exortações aos filhos da terra, inclusas "as raças plinianas", os insólitos Sciritas, povo sem o nariz, habitantes do extremo norte, os pigmeus e os panoteus de orelhas como mantas, os cinocéfalos. Citações, história e lendas do mundo pliniano.

Médicos e boticários consultam os textos de Plínio, para obtenção de novas poções surgem trabalhos como o de Niccolo Leoniceno, "De Plinii et plurium aliorum medicorum in medicina erroribus", verdadeiro esforço para erradicar possíveis distorções da ciência antiga.

Fulco de Chartres, testemunha ocular da primeira cruzada, ao descrever a fauna exótica, cita animais legendários de Plínio: a quimera, a manticoira, e o crocodilo a mover só a mandíbula superior. São as "verdades plinianas" que permanecem. O navegador português Duarte Pacheco Pereira escritor em 1503 do tratado *Esmeraldo de situ orbis* para o rei D. Manuel, citando Plínio, Isidoro e a Bíblia, pretendia explicar as novas descobertas geográficas em termos familiares aos leitores. Fulco de Chartres ao descrever uma girafa, chama-a de Quimera, tentativa de explicá-la com os informes da mítica besta.

Surge a necessidade de esclarecer o conteúdo científico da obra – príncipe de Plínio: Jacob Ziegler, humanista, astrônomo e geógrafo em obra publicada em Basilea (1531) e novamente im-

pressa em Colônia (1550), insiste em aclarar o texto científico, livrando-o das mazelas míticas da antigüidade.

A tradução do latim vulgar para o italiano deu-se em Veneza, de autoria de Cristóvão Landino (1476). As reimpressões em 1481, 1489, 1501, 1516, 1534 e 1543 demonstram o interesse de leitores cultos, pela antigüidade clássica.

Da História animalum de Aristóteles chega-se a História Natural pliniana. É todo um evoluir de séculos e de um pensamento. Verdades, mas também imaginação e fantasia. Animais fantásticos, ao citar o elefante em digressão cita os dragões, seus inimigos naturais. A propósito dos lobos, Plínio registra as credences gregas dos lobos-homens. Dessa Zoologia, na fala de Ítalo Calvino, fazem parte a anfesibena, o basilisco, catoblepa, crocotes, leucocotes, leontofontes, manticores, todos a passarem para o bestiário medieval com grifos e unicórnios, sagitários, fênix da Arábia, animais fantásticos com lugar privilegiado na dimensão do imaginário. Poder fantasmal, torna-se alegoria, símbolo, emblema de bra-sonários.

A História Naturalis de Plínio o velho, em bem verdade, é o Inventário do Mundo Antigo...

Como curiosas demonstrações da Sabença Pliniana citemos alguns exemplos. Na Zoologia (Livros 7-11), após descrever de forma exata as correrias do avestruz da Etiópia, com ovos de tal grandeza, que podiam ser usados como recipientes e as penas como elmos de guerra, passa a nos dizer do Fênix da Arábia, conceitos imaginosos recolhidos dum passado milenar. Plínio, ele mesmo proclama que etíopes e indus possuem pássaros indescritíveis, sendo o mais famoso o Fênix da Arábia. Ele só podia afirmar que fora visto apenas um exemplar, pensando mesmo pertencer à citações lendárias.

Possuiria as dimensões de uma águia com uma coleira d'ouro em torno do colo, o corpo na cor púrpura, com penas róseas que pontuam a cauda azul, e tufo de plumas na testa. Plínio descreveu esse pássaro-mítico fiel a Heródoto. Todos os autores antigos colocam o fênix na Arábia, entretanto, Ovídio nas Metamorfoses

pensava ser encontrado na Assíria. Esiodo alardeou sua longevidade. Manílio, senador famoso, renomado pelo grande saber e autodidata, poeta erudito da época de Sila e citado por Varrão, escreveu que o fênix nunca foi visto alimentando-se. Seria sagrado na Arábia, vivendo 540 anos e quando começa a envelhecer constrói um ninho com ramos de canela e incenso, cheio de plantas odoríferas e morre nele. De seus ossos e vísceras nasce uma espécie de larva que evolui para um pulgão. Este rende ao anterior fênix as honras fúnebres e com a vida do pássaro completa-se a revolução do grande Ano. O ninho é transportado a Heliópolis (cidade do Sol) vizinha da Pancaia e lá é depositado sobre o altar da divindade.

Pancaia era ilha imaginária e fabulosa, produtora de incenso e aromas segundo a tradição poética latina: O *magnus annus* é um período de 540 anos (segundo outros 12.954 ou 25.800), ciclo no fim do qual o sol, a lua e os cinco planetas conhecidos atingiam a mesma posição de alinhamento, das constelações ou estrelas fixas, que possuíam no início do mesmo ciclo. Informes corroborados por Cícero (*De natura deorum*) e Tácito (*Dialogus de oratoribus*).

Cornélio Valeriano afirma que o fênix voou no Egito sob o consulado de Quinto Plaúcio e Sesto Papínio (36 d.C.). O pássaro teria sido levado a Roma durante a censura do imperador Cláudio, no ano 800 da cidade (47 d.C.).

Os ornitologistas modernos, apesar das descrições fabulosas, encontram no fênix uma certa semelhança com o faisão dourado. Todavia conservou-se a máxima de que o Fênix renascia das próprias cinzas!

Médicos e boticários consultam os textos de Plínio. Para obtenção de novas poções, surgem trabalhos como o de Niccolo Leoniceno, verdadeiro esforço para erradicar distorções da ciência antiga.

Vida, paixão e morte de Lauro

Carlos da Silva Lacaz

A classe médica brasileira precisa conhecer a bela e operosa vida de um dos mais eminentes hansenólogos brasileiros, verdadeiro samaritano que dedicou toda sua existência aos doentes desta bacilose que, no passado, passaram por momentos dos mais tristes e penosos, totalmente asilados e marginalizados, sem qualquer possibilidade terapêutica. Com o advento da sulfonoterapia e, atualmente, de outras medicações, a hanseníase passou a ter um outro prognóstico, modificando-se totalmente o conceito sobre essa infecção, cujo agente etiológico foi descoberto em Bergen, em 1873 (Noruega) por Gerhard Henrik Armauer Hansen (1841-1912).

Visitando o antigo Sanatório Padre Bento, hoje transformado em Unidade hospitalar subordinada à Secretaria do Estado de São Paulo, tomei conhecimento da vida fabulosa de um médico-apóstolo, paradigma de uma classe e que lá viveu, dando assistência médica e humanitária a uma população de doentes que necessitavam de sua ajuda, como se fosse o verdadeiro Cristo curando os hansenianos no Vale de Kidron.

Que admirável figura humana! Em linguagem espírita este benemérito do bem – Lauro de Souza Lima reencarnou na Cidade de Campinas, a 6 de janeiro de 1903, tendo uma infância feliz. Em 1928 diplomava-se pela Faculdade Nacional de Medicina, a famosa Escola da Praia Vermelha. Trabalhou com o saudoso Prof. Francisco Eduardo Rabelo (1905-1989), apaixonando-se pela Hansenologia, juntamente com seu irmão Moacyr. Defendeu sua tese de doutoramento em 1928, com o título: "O desvio do complemento com o streptothrix de Deycke leproide desengordurado, na lepra".

Vindo para São Paulo dedicou-se integralmente ao estudo da hanseníase. Amílcar Del Chiaro Filho (1925) traçou o perfil deste apóstolo do bem, trabalhando principalmente no antigo Sanatório Padre Bento, em Guarulhos. Padre Bento Dias Pacheco



Lauro de Souza Lima (1903-1973): "Vivo não vi quem fosse tão querido. Morto não vi quem fosse tão chorado"

(1817-1911) nasceu na fidelíssima Itu, tornando-se franciscano, tendo sido um grande apóstolo da caridade. Um busto, em Gopóuva, presta homenagem àquele que se consagrou como o grande amigo dos hansenianos, oferecendo-nos os mais belos exemplos de humildade e de desapego às grandezas terrenas.

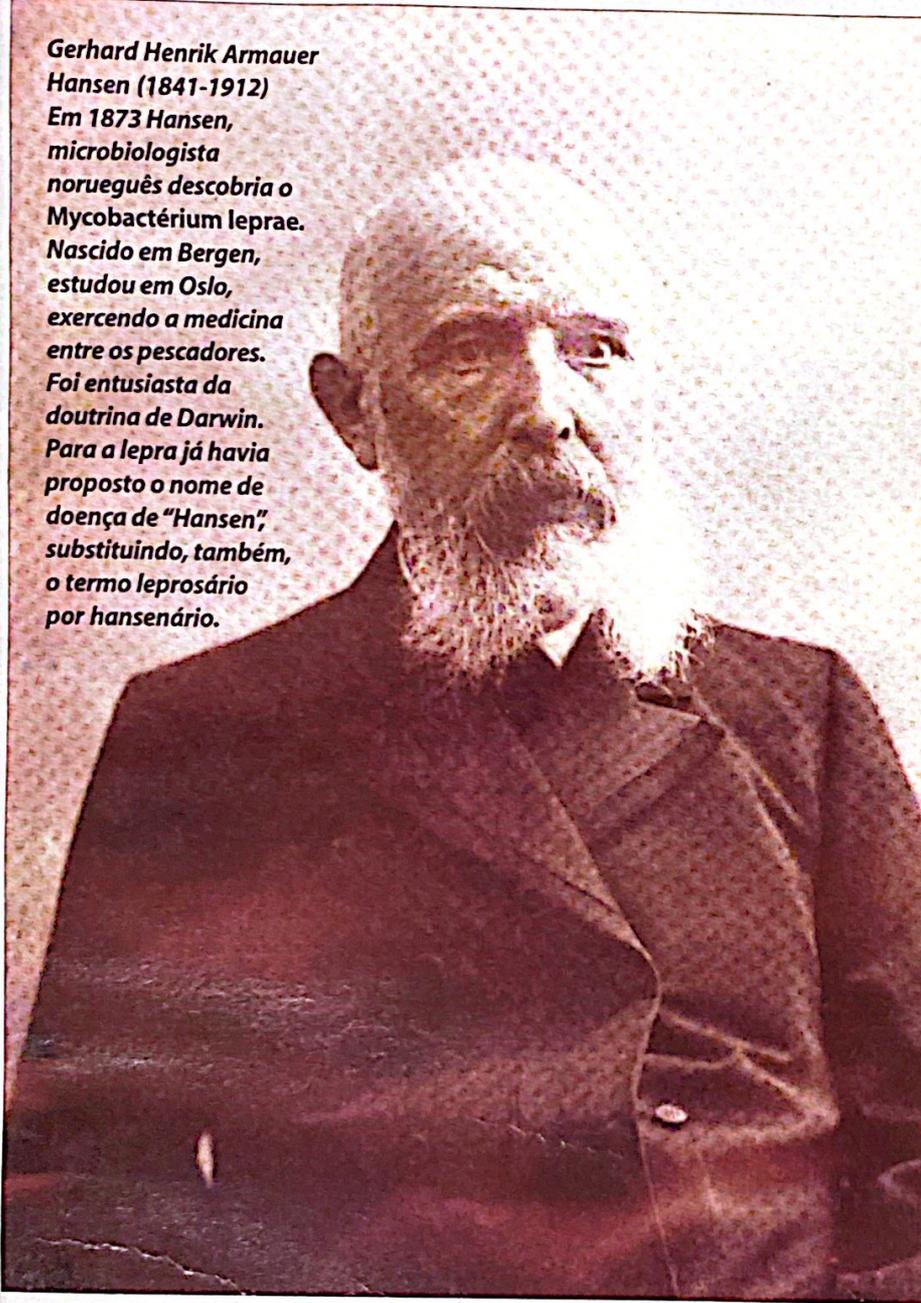
Abraão Rotberg, este outro gigante no estudo da hansenologia, referiu-nos ter recebido decisiva influência no pre-

paro de sua tese de doutoramento (Reação de Mitsuda-Hayashi) de Lauro de Souza Lima, o mesmo ocorrendo com o Prof. Luiz Marino Bechelli. Diplomados em 1933 pela Faculdade de Medicina da USP, juntamente com José Mendonça de Barros, Luiz Baptista e João Baptista Zocchi estagiaram no Sanatório Padre Bento, com Lauro de Souza Lima, o primeiro a ensaiar entre nós, a sulfonoterapia no tratamento da hanseníase. Morou no Sa-

do de Souza Lima (1903-1973)

Gerhard Henrik Armauer Hansen (1841-1912)

Em 1873 Hansen, microbiologista norueguês descobria o *Mycobacterium leprae*. Nascido em Bergen, estudou em Oslo, exercendo a medicina entre os pescadores. Foi entusiasta da doutrina de Darwin. Para a lepra já havia proposto o nome de doença de "Hansen", substituindo, também, o termo leprosário por hansenário.



natório, de onde raramente saía para assistir jogos do Corinthians.

Assumiu a Diretoria do antigo Departamento de Profilaxia da Lepra, em 1952. Publicou centenas de trabalhos sobre a especialidade da qual foi cultor apaixonado. Jogava tênis. Gostava de luta de Boxe. Belo no físico, homem de alma pura. O Sanatório Padre Bento ele assumiu sua direção a 7 de julho de 1931, fazendo dele seu verdadeiro lar, a mo-

rada da filantropia. O Padre Bento tornou-se centro de referência em matéria de hanseníase. Médicos brasileiros e estrangeiros vinham aprender a especialidade com um médico verdadeiro que sabia aliar a ciência às aflições humanas. Tratava os doentes, principalmente as crianças, com muito carinho. Participou de Congressos da especialidade, no Brasil e no exterior.

Deixou o casamento, por duas vezes,

para dedicar-se de corpo e alma àqueles que necessitavam de sua ajuda. No amparo aos hansenianos ninguém o excedeu. Inaugurou dois pavilhões para crianças hansenianas. É vasta a obra científica que ele deixou. Seus trabalhos podem ser encontrados na monumental obra de Luiza Keffer – Índice Bibliográfico de Lepra. Departamento de Profilaxia de Lepra. São Paulo, 1946, em dois volumes.

Em Bauru, o "Instituto Lauro de Souza Lima" cultua a memória do emérito hansenólogo, dirigido o referido Instituto por um dos seus discípulos, o eminente colega Diltor V.A. Opromolla.

A hanseníase (lepra, morfêia) foi, no passado, doença estigmatizante. Cláudio de Souza (1876-1954), médico e membro da Academia Brasileira de Letras, em "Marcha de um bando de leprosos" (1953) em bela narrativa, contou-nos a história daqueles que em cima dos cavalos estendiam o chapéu à esmola. Eram bandos tétricos de degredados, os pobres lazarentos. Havia, entre eles, a crença de que ficariam curados se conseguissem passar o mal a sete pessoas.

Eram figuras assombradas. Hoje, felizmente, tudo mudou, graças ao advento da poliquimioterapia que possibilita o controle da infecção, principalmente em suas formas iniciais.

A 19 de agosto de 1973, durante a visita de um sobrinho, no Hospital do Servidor do Estado de São Paulo ele retornou à Pátria espiritual, após cumprir inteiro labor pelos seus hansenianos. Um de seus biógrafos referiu: ele foi o amor pleno, a luz meridiana, o diamante sem jaça. Em um mundo de trevas em que vivemos ressurgiu a figura singular deste verdadeiro *homo sapiens* que honrou e dignificou a espécie humana.

Lauro de Souza Lima estará sempre entre nós, no vivo de sua presença.

Carlos da Silva Lacaz é Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Fundador e Presidente de Honra da Sociedade Brasileira de História da Medicina

Um domingo violento

M.I. Rollemberg

A violência solerte que nos espreita a cada canto, transformou esta que se orgulhava em possuir o "maior parque industrial da América Latina", no epíteto tétrico de "a cidade mais violenta do hemisfério".

Tal qual uma doença maligna empedernida, esta onda transformou-se em um manto lúgrube a envolver todos nós, como um espectro infundável e indecifrável. Tornou-se uma rotina. As rádios, jornais, televisões, conversas, tudo passou a girar em torno deste assunto terrível. Existem emissoras cuja programação é só sobre... VIOLÊNCIA!

Os jornais televisivos mostram apenas catástrofes. Na falta de maiores violências internas, importam as externas, numa sucessão macabra. Virou uma neurose, beirando à psicose. Enquanto isto, as autoridades ficam preocupadas em cobrar pedágio para Alphaville.

Aquela família de periferia vivia um destes dramas. Seu velho chefe fora vítima de mais uma tragédia. A seguir todo aquele cortejo: chegada da polícia, da imprensa sensacionalista, o comentário receoso dos vizinhos, o pânico se irradiando. Com a chegada do rabeção, o corpo foi removido. Justificação, inquérito, enfim aquela burocracia e para infernizar tudo a penosa espera. Depois de quase um dia o corpo seria liberado. Marcado o horário, foram todos ao longínquo cemitério, no pólo oposto da cidade para marcar o enterro, que deveria ocorrer naquela tarde de domingo. Mas o corpo não chegava. "Mas não é possível...", dizia um. "Prometeram liberar o corpo tal hora... Já se passaram quase três horas e nada!"

Conversa vai, conversa vem, um café aqui, outro acolá. Foi o Juca quem trouxe uma garrafa de cachaça. Afinal o defunto era um "cultor" da nobre arte. O filho se lembrou que certa vez, já trôpego e doente fora procurar o médico de pulmão. Gordo, hipertenso, fumante crônico, a certa altura o médico perguntou porque bebia tanto.

"Ah doutor, trabalhar como lixeiro é uma barra" (Em seu tempo quem fazia a limpeza pública eram os funcionários da própria prefeitura. Hoje em dia o serviço é terceirizado e de elite).

"A gente tinha que entrar em qualquer mocó e tirar até bicho morto. A fedentina e sujeira eram insuportáveis. Só mesmo com o "caco" cheio. Tinha lugares onde nossa cachaça já estava nos esperando porque a sujeira do bar era pesada".

O médico sorriu. Era uma terrível realidade.

Assim estavam eles ali para velar o velho amigo, que teimava em não chegar. Nestas alturas nada melhor que prestar uma boa homenagem. Um outro foi a um boteco próximo e comprou mais duas garrafas "legais".

"Mas o defunto não chega?" falou uma filha. "Já liguei não sei quantas vezes. É um absurdo. Daqui a pouco vai anoitecer e não se consegue mais enterrar".

Nestas alturas o corpo já liberado, o caixão foi colocado em uma perua tipo Kombi. E lá vinha o solitário motorista, atravessando a cidade em direção à zona norte. Escolheu, não sei porque razão a rua Voluntários da Pátria, que naquela hora de domingo estava completamente deserta. Ia matutando sozinho como sempre fazia, ali a acompanhar a morte, este ser inescrutável, sempre na mesma rotina, quando subitamente viu um boteco aberto. A boca já estava "seca", quase amarga. Resolveu parar. Teve o cuidado de estacionar em frente a um poste, por ser um bom ponto de referência e se escurecesse a iluminação mostraria do que se tratava, demovendo quem quer que fosse de roubar o veículo. No interior uns parques fregueses viam ainda uma réstia de futebol pela TV. Pediu uma boa dose de pinga. Virou de uma só talagada. O vizinho já foi simpaticando. Começou um papo ao descobrirem que eram corintianos, mas corintianos da gema, dos velhos tempos. O fulano foi contando que o pai falava do gran-

de Brandão, centralfo de primeira, de Servílio e até de Teleco, o grande goleador (o termo era uma modificação do inglês center-half, que depois aportuguesou em centro médio, e hoje é mais ou menos volante, meio de campo). Aqueles sim, eram craques. Os de agora ganham um dinheirão e só querem saber de mulher bonita e televisão.

Nestas alturas já tinham tomado mais duas doses, bem generosas. E o tempo passando. "E o Dino, o pavão. Dava dribles na pequena área em treis, ouviu bem, treis de uma vez!". Bons tempos aqueles.

De repente teve-se a impressão que os céus haviam aberto suas comportas. Caiu uma tempestade com raios e trovões nunca vistos. Foi quando se ouviu um estrondo ensurdecedor. Parecia até que haviam jogado uma bomba de dinamite na porta. Saíram um pouco aturdidos e viram o estrago. Foi um raio que caíra exatamente no poste, que por seu turno caíu em cima da Kombi, rachando ao meio perua, caixão e conteúdo. "Putá vida, e agora?" Foi com dificuldade que conseguiu telefonar e imediatamente enviaram outra viatura para recompor o infeliz.

Finalmente depois de quase vinte horas chegava o esquife para ser enterrado, agora plena segunda-feira. O pessoal já cansado, mal dormido, esfomeado, "malhado" de cachaça, foi acompanhando o amigo para sua viagem derradeira, encontrando finalmente a paz.

Um dos circunstantes notou que o caixão era muito chique. Seria consequência da carraspana? O outro argumentou: "Este pessoal demora, mas capricha!". Outro acrescentou: "Quando morrer quero um caixão destes". Um terceiro atalhou: "Isto não é caixão, é uma urna".

Pouco a pouco foram se retirando. Uns foram descansar, outros direto para o trabalho, meio atrasados.

Realmente aquele fora um domingo violento.

Doutrinas psiquiátricas na Renascença e no Iluminismo

Guido Arturo Palomba

Na Renascença florescia, filosoficamente, o racionalismo, e pode-se dizer que as primeiras grandes manifestações dessa nova mentalidade são dadas por COPÉRNICO (1473-1543), por KEPLER (1571-1630) e por GALILEU (1564-1642), que revolucionaram a concepção do mundo natural, encarando, com a intuição heliocêntrica, de modo inteiramente novo, as relações do homem com o universo, possibilitando ao ser humano se individualizar (indivíduo, indivisível) perante o infinito. A revolução copernicana fez com que o homem perdesse a sua posição majestática de centro do universo, para ser mero grão de pó na máquina cósmica infinita.

Com a Renascença a loucura veio a ser vista como forma relativa à razão. Uma recusa a outra, se identificam e se isolam mutuamente. Isso foi possível graças à dialética: tese, antítese e síntese.

Como resultado prático, só existe a loucura porque existe a razão, e quem não a possui, o louco, precisa ser isolado dos normais. Assim, no Velho Mundo foram fundadas as famosas *Casas de Internamento*. Sucede que o desprovido da razão, embora não fosse visto como um possuído pelo demônio, não era, entretanto, entendido como um doente, mas como devasso, decaído, gente que não presta para nada, motivo pelo qual acabava acorrentado e trancafiado nessas casas, junto com prostitutas, doentes venéreos e criminosos comuns. O louco passa de endemoninhado para degenerado. Por ser assim, era-lhe preconizado o trabalho forçado, pois se é decaído pressupõe-se que seja preguiçoso, e a preguiça é o mal maior que tem de ser combatido custe o que custar, e nada melhor que condená-lo ao seu contrário, ou seja: ao trabalho duro.

Inobstante essa concepção, popular e dominadora, logo surgiram doutrinas imparciais, como as dos médicos ingle-

ses WILLIAM HARVEY (1578-1657) e THOMAS SYDEHAM (1624-1689). O primeiro descreveu os efeitos das tensões emocionais sobre a atividade cardíaca, e SYDEHAM, proporcionou descrições meticulosas do histerismo e foi o primeiro a notar que os homens podem ser histéricos, embora não tenham útero (*hystericon*, urna, útero). (1)

O incessante movimento de idéias científicas e filosóficas do século XVII continuou e tomou impulso no século seguinte, o que lhe valeu o nome de Século Iluminado. O progresso nas ciências exatas durante o Iluminismo foi enorme. LUIGI GALVANI (1737-1798) e a eletricidade; JOHN DALTON (1766-1844) e a teoria atômica. Vieram a locomotiva, o balão, o pára-quedas. Na Medicina STEPHEN HALES (1677-1761) desenvolveu método para medir a pressão do sangue, RENÉ LAENNEC (1781-1826) inventou o estetoscópio, LEOPOLDO AVENBRUGGER (1722-1809) introduziu a percussão como método de prope-dêutica clínica. Assim, as doenças em geral passaram a ser diagnosticadas e descritas com mais precisão.

Na Holanda, o grande HERMMAN BOERHAAVE (1668-1738) assevera, pela primeira vez na história, que a epilepsia é uma doença com múltiplas características e "não há nenhum outro morbo que seja tão polimorfo e variado quanto esse". (2)

THOMAS WILLIS (1622-1670) diz que as "lesões da alma" são afeções cerebrais, criando o nome *desipientiae*, a negação de *sapientiae*, ou seja, a loucura. AFONSO BORELLI (1608-1679), no seu *De motu animalium* (1681), acentua ainda mais o caráter organicista da loucura.

Vieram, também, as grandes classificações. Uma delas, muito ampla, é a de BOISSIER DE SAUVAGES (1767); outras: a de ERHARD (1794) e a de VALENZI (1796). Nessa mesma época WILLIAM CULLEN (1712-1790), em sua obra de 1782, emprega, pela primeira vez,

o termo *neurose*, para referir-se a manifestação psíquica desacompanhada de patologia física. Seguem-se os trabalhos de ARNOLD (1782) e de WEICHARD (1790), em cujos esquemas de classificação atribuem ao cérebro a causa do mal mental, reconhecendo, entretanto, os aspectos morais e comportamentais para diferenciar os vários tipos de loucura.

Ao lado desses primeiros esboços de doutrina psiquiátrica, nasceram também algumas correntes curiosas, que são a origem remota do pensamento organicista e psicanalítico, que vão se desenvolver no séc. XIX e séc. XX. Respectivamente são a *frenologia* e o *mesmerismo*.

Essas doutrinas pseudocientíficas foram fundadas por dois médicos que estudaram na Faculdade de Medicina de Viena, FRANZ JOSEPH GALL (1758-1828), alemão, e FRANZ MESMER (1734-1815), austríaco, que imigraram para Paris, onde foram recebidos "com aclamações e manifestações de repúdio" (3), ao mesmo tempo.

O primeiro, em 1796, ainda em Viena, criou a *frenologia*, que admitia a possibilidade de reconhecer, pela configuração do crânio, certas funções intelectuais e morais, permitindo diagnosticar um indivíduo pela inspeção e palpação do estajo cerebral, o que atraía o público, porque parecia científico. Essa idéia teve adeptos, entre os principais destaca-se L. LAVATER (1741-1801), que asseverava a possibilidade de "avaliar o caráter do indivíduo pelo aspecto da face". (4)

Quanto a MESMER, criou a teoria do magnetismo animal, com a qual tinha a ardente ambição de ser aceito pela comunidade científica da época. As idéias mesmerianas levaram a importantes desenvolvimentos em hipnoterapia e para FRANZ ALEXANDER (1891-1964) essa é a "madrinha histórica da psicanálise". (5)

Continua na página 8

Continuação da página 7

As grandes doutrinas estavam começando a fermentar. Porém, é a obra de PHILIPPE PINEL (1745-1826) que marcaria decisivamente o fim da escuridão na Psiquiatria, ao isolar, no mundo cristão, a doença da pobreza e de todas as outras figuras da miséria. Esses destinos não mais se cruzarão.

Pouco antes de PINEL por em prática suas idéias, JOSEPH DAQUIN (1733-1815) escreveu *Philosophie de la folie* (1791), no qual recomenda "abolição dos grilhões e da reclusão em celas, por ser nocivo aos alienados" (6), cuja prática aplicou num pequeno hospital de quarenta leitos, em Chambéry, na cidade de Savóia (reino separado, agora província, no sudeste da França), permitindo aos internados andar livremente dentro do pátio do hospital. DAQUIN pode ser tido como o precursor de PINEL.

O racionalismo iluminista seguiu, em linhas gerais, as diretrizes traçadas durante a última fase da Renascença, e culminou por quebrar os grilhões dos alienados mentais de então, como também pelo combate em várias frentes, inspirando reformas nas leis penais, na questão da escravatura e no combate à tirania política e religiosa. Os frutos desse período da história serão colhidos no séc. XIX, séc. XX e hoje em dia, dealvar do séc. XXI.

Guido Arturo Palomba
Psiquiatra Forense

BIBLIOGRAFIA

- 1 **Alexander, F.** *História da Psiquiatria*. IBRASA, São Paulo, 1966, p. 138.
- 2 **Peixoto, A.** *Epilepsia e crime*. V. Oliveira, 1898, in epígrafe.
- 3 **Castiglioni, A.** *História da medicina*. Nacional, São Paulo, 1947, 2º v., p. 160.
- 4 **Flourens, P.** *De la phrenologie et des études vraies sur de cerveau*. Garnier Frères, Paris, 1863, p. 9.
- 5 **Alexander, F.** *Ibidem*, p. 472.
- 6 **Castiglioni, A.** *Ibidem*, p. 158.



Da esq.p/dir., Gil Leite, Paulo Bomfim e Fernando Muralha

Espaço Coimbra

Recentemente foi inaugurado em São Paulo, à Avenida São Luiz, 218 (em frente à Biblioteca Mario de Andrade), uma galeria de arte e livraria, que será doravante mais um local de reunião de intelectuais paulistas. A iniciativa coube ao ilustre empresário português Gil Magno Cancela Leite, editor, em Portugal, de livros e de várias revistas médicas importantes, entre elas a *British Medical Journal* e a *Heart*, tradicionais periódicos ingleses que são editados em várias línguas, entre elas a portuguesa.

Gil Magno pretende promover no Espaço Coimbra encontros de artis-

tas plásticas e intelectuais, portugueses e brasileiros, incrementando o intercâmbio sócio-cultural entre ambos os países. Para tanto, manterá no local uma muito bem disposta galeria de artes e livraria, com obras clássicas e modernas e, futuramente, promoverá outras atividades ligadas ao cinema e ao teatro, a cargo de Fernando Muralha, intelectual luso-brasileiro que estará, na ausência de Gil Magno, à frente dos trabalhos. O local, muito agradável, poderá ser freqüentado pelos sócios da APM e por todos quantos desejarem um espaço cultural para o deleite do espírito.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba
Diretor Adjunto: Sérgio Pereira da Cunha

Conselho Cultural:
Dullio Crispim Farina (presidente);
Carlos Alberto Salvatore
Antônio Valdemar Tosi
Marisa Campos M. Amato
João Marquês Teixeira
Yvonne Capuano

Cinemateca:
Wilmer Botura Júnior
Pinacoteca:
Aldir Mendes de Souza
Museu da História da Medicina:
Jorge Michalany
Coordenação Musical:
Dartiu Xavier da Silveira